

PREFÁCIO

“Não esperava isso de você. Não mesmo. Você fala como um estudante de universidade. Solipsismo. Ceticismo. O bispo de Berkeley, e toda essa lengalenga sobre as últimas realidades.”

Philip K. Dick¹

Pensar as forças e todos as suas cartografias de atravessamentos e transvalorações de valores, de alguma maneira, foi o que a Revista Olhares propôs junto com os seus colabores, autores e leitores nesta edição de 2021.

Na iminência, ou melhor, no exercício presente e voraz de um mundo cada vez mais catalisado para dimensões outras, no qual toda e qualquer possibilidade de inteligibilidade foi ou será ainda tragada para as territorialidades límbicas e esgotantes das múltiplas telas, com suas inteligências artificiais.

Desse modo, como pensar a produção de saberes e suas criticidades em um espaço estufado de afazeres protocolares, mitigados pelas burocracias comprobatórias de tabelas, gráficos e documentos de fundo de gaveta? Pelos desmontes das estruturas físicas e mentais das universidades? Pelas fugacidades cognitivas diante do cansaço e da exaustão das conectividades desconexas de milhares de aplicativos? Com as mais profusas massificações dos desejos orquestradas pela robótica algorítmica? Norteados por números inumeráveis de monetizações de toda uma engrenagem capital que, acima tudo, insurge molecularmente desejante dentro de nossos corpos, de nossos pensares e de nossos afetos convertidos em mercadoria?

Uns poderiam dizer que isto sempre foi assim ou assado, outros dirão que tende a piorar ou, como nos alertou Drummond

Alguns, achando bárbaro o espetáculo, prefeririam (os delicados) morrer. Chegou um tempo em que não adianta morrer. Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. A vida apenas, sem mistificação. (ANDRADE, 2012, p. 33)

Chega um tempo, como diz o poeta mineiro, que de fato, não adianta sofrer, não adianta gritar, não adianta paralisar-se e muito menos morrer. Chega um tempo em que é preciso ir. Ir se retroalimentando de toda esta engrenagem, ir, antropofagicamente.

Neste sentido, os textos contemplados nesta edição tratam, cada um a sua maneira, direta ou indiretamente, desses anseios geracionais nos mais diversos âmbitos da produção acadêmica e suas complexidades. Sejam nos viesamentos dos estudos literários e cinematográficos; sejam nos debates acerca dos estudos das práticas docentes nas áreas da Saúde, da Psicologia, do Direito, das Engenharias, das Relações Internacionais ou das interdisciplinaridades.

Eduardo Reis Silva

¹ Philip Kindred Dick ou Philip K. Dick, também conhecido pelas iniciais PKD, foi um escritor norte-americano de ficção científica que alterou profundamente este gênero literário, explorando temas políticos, filosóficos e sociais, autoritarismo, realidades alternativas e estados alterados de consciência.